

Uma experiência de educação interrompida no Centro Integrado de Ensino Médio da UnB: 1964 a 1971

de: Teresinha Rosa Cruz

Brasília: Plano, 2001. 297 p. ISBN 85-85946-18-0

E-mail: teresinhacruz@brturbo.com

O gentil convite de Teresinha Rosa Cruz para prefaciara esta importante obra que resgata um período fundamental de nossa trajetória educacional obriga-me a retornar ao tema da inovação educacional, ao qual todos os inquisidores de plantão, em diferentes lugares do mundo, e também no Brasil no período em que floresceu a iniciativa do CIEM, sempre estiveram muito atentos, no sentido de impedir os eventuais “desvios” que pudessem colocar em perigo os dogmas cultuados e impostos pela ordem dominante. Com efeito, a inovação é algo que abala as verdades absolutas, questiona os paradigmas estabelecidos e mobiliza forças até então desconhecidas, para produzir algo novo, que pode efetivamente transformar determinado contexto ao qual estão vinculados interesses, valores e um sem-número de rituais e práticas solidamente enraizadas.

Na área educacional, as inovações não acontecem todos os dias, até porque a própria natureza da função pedagógica, assentada nos ritos e na reiteração das práticas, vem transformando os objetivos e os métodos da ação pedagógica, quer ela se desenvolva na família, na escola ou nas demais estruturas sociais. Por vezes essas transformações dão-se lentamente, num processo quase imperceptível de incorporação de novos procedimentos. Em outros momentos, especialmente naqueles em que o ambiente de crise ronda as instituições estabelecidas, tais mudanças revestem-se de um clima de insegurança e de questionamento das estruturas consolidadas, mobilizando antagonismos que podem levar a rupturas. Estas podem conduzir ao retrocesso ou, por vezes, a um salto qualitativo que imponha um novo patamar de consideração das questões educativas.

Essas questões, sutis na sua percepção, não escaparam à professora Teresinha Rosa Cruz, que, ligada ao projeto CIEM-UNB desde seu início, conheceu sua gênese, os principais atores envolvidos, sua forma de pensar e sentir e as propostas que os animavam. A rigor, e isto Teresinha registra de forma minuciosa, o CIEM surgiu num contexto de desenvolvimento do país, no qual o governo Juscelino definia uma proposta de metas a serem alcançadas e onde a educação deveria jogar um papel fundamental na consolidação de uma

nova ordem. Lamentavelmente, os rumos foram outros, perdemos uma oportunidade histórica ímpar, e o que se viu foi um conjunto de iniciativas valiosas em todo o país desaparecerem, por absoluta inadequação ao regime militar.

A experiência do CIEM repete o que aconteceu em São Paulo, com o Colégio de Aplicação e os Colégios Vocacionais, e em outros Estados, como Minas e Bahia, como relata a autora. Dar oportunidades a uma participação dos estudantes na vida da escola, estimulá-los a se envolverem em atividades artísticas e culturais, criar espaços para debater questões ligadas à participação política, discutir sobre emprego e educação sexual, entre outros temas, à época quase ausentes dos currículos escolares, significou um preço muito alto para a nossa frágil base política.

Nos Capítulos II e III a autora descreve, muito detalhada e apropriadamente, a consistência dos princípios e da metodologia que deram ao experimento educacional do CIEM um caráter todo especial, vanguardeiro para a época, principalmente pelo sistema de trabalho de unidade pedagógico-administrativa, o que garantiu a manutenção da qualidade do ensino. O CIEM representou um avanço em relação a outras propostas pedagógicas. Os relatos obtidos por Teresinha indicam que Darcy Ribeiro e José Aloisio Aragão tinham consciência de estar-se construindo um colégio que, seguramente, iria perpassar um projeto da Universidade de Brasília, dando suporte à implantação de uma nova concepção de educação superior.

Segundo a autora, na visão de Darcy Ribeiro e de outros educadores, como Lauro de Oliveira Lima e Anísio Teixeira, o CIEM deveria estar intimamente relacionado à Faculdade de Educação, com o propósito de levá-lo a funcionar como um verdadeiro centro de experimentação de educação média, com novas aberturas pedagógicas e objetivamente formar um outro tipo de estudante, no qual os conceitos de inter e transdisciplinaridade – de que modernamente se fala – e o aprendizado centrado na relação aluno-professor, estavam no coração das propostas adotadas por professores, estudantes e comunidade escolar. Os princípios pedagógicos do CIEM emanam de um novo conceito de relação pedagógica e se materializam em novos padrões de desempenho e de avaliação do estudante.

Nos anos tumultuados que se seguiram a 64, a Universidade de Brasília, indesejada por representar um desafio ao poder instalado, submerge em sucessivas crises que, por pouco, não levam ao seu fechamento. O sonho de construir um colégio, vinculado a uma Faculdade de Educação, que deveria ser o sustentáculo de uma nova concepção de Universidade, vai se diluindo numa sucessão de medidas administrativo-pedagógicas, inclusive com a tentativa de transforma-

lo em Colégio de Aplicação, segundo a legislação então existente, foi sepultado até o seu total desaparecimento, na medida em que, lentamente, o propósito que unia tantas pessoas dispostas a fazer um novo tipo de educação, foi sendo tragado por uma realidade política que todos perceberam não estava interessada por aquilo que tanto animava pais, alunos e professores.

Aos estudantes não escapou a triste realidade. Um deles verbalizou a convicção, que talvez tenha sido a de todos, de que ele e seus colegas se consideravam para sempre alunos do CIEM. Essa interrupção do CIEM, por sua absoluta incompatibilidade com as novas posturas políticas dos anos 60 e 70, conforme expressa Teresinha, é corroborada pela impressão dos alunos sobre as causas que levaram ao fechamento da instituição. No questionário respondido por mais de uma centena de ex-alunos, ficou o registro de que mais de 70 consideraram como verdadeira a hipótese de que o CIEM propiciava uma educação para a consciência política, o que não convinha, em absoluto, ao regime político de então (capítulos IV e V).

A presente obra de Teresinha Rosa Cruz, e de toda a equipe que com ela colaborou, incorpora-se ao conjunto de acervos importantes da história da educação brasileira contemporânea, que certamente nos instiga a refletir cada vez mais sobre as oportunidades que certos países, como o nosso, deixam passar em branco quando poderiam estar construindo um sistema educacional dos qual todos pudessem se orgulhar cada vez mais.

Apresentação de Walter Garcia,
Diretor do Instituto Paulo Freire (SP).